



ENCONTRAR-SE COM O “TUDO” NO VAZIO DO DESERTO INTERIOR

Carlos Renato Moiteiro¹

Carta de São Paulo da Cruz a uma filha espiritual, *s.d.*¹

“Minha irmã em Jesus Crucificado,

Sinto da parte de Nosso Pai que estais toda tornada em chagas e eu o regozijo em Deus, assim tereis mais ocasião de fazer companhia ao Esposo Divino; mas este Esposo celeste não se abraça senão no sagrado deserto interior, do qual vos falei outras vezes: permaneci no vosso verdadeiro nada [*nulla*] e deixai então desaparecer o vosso nada [*niente*] no templo interno de vossa alma, nele tereis tempo de medicar vossas chagas com o bálsamo preciosíssimo do Sangue do Cordeiro Imaculado que jorra de suas Divinas Chagas. Desta forma encontrareis repouso, porque Jesus vos conduzirá ao seu aprisco, onde está ele mesmo, que é o seio do Divino Pai; nele tornar-vos-ei por amor toda divinizada e sereis um só espírito com Cristo, como disse o Apóstolo: *Qui adhaeret Deo, unus spiritus est cum illo*¹.

Em vossa solidão, naquele deserto santo, se o Esposo vos ordena a adormecer de amor, durmais em paz e não vos acordeis sem sua licença: este é aquele doce sono que dá aos seus diletos. Ó, que sono de amor! Ó, quanto aprende a alma neste sono divino! Ó, como se faz rica! Recordai-vos do pobre Paulo que está em grandes necessidades, e rezai por toda a Congregação. Jesus vos bendiga e vos faça santa. Amém.”

Há um pequeno truque matemático com o qual eu sempre dou início às minhas aulas em cada novo semestre. Trata-se de uma brincadeira com os estudantes para fazê-los questionar se a matemática é uma ciência tão “exata” assim e, a partir desse questionamento, se existe de fato alguma ciência exata, no rigor do termo. O exercício é simples: a partir de um conjunto de derivações em torno da expressão algébrica $0 = 0$, eu demonstro-lhes que $1+1 = 3$.

Não acredita que isto é possível? Bom, você pode acompanhar o raciocínio abaixo (ou, se não gosta de matemática, pode pular esta parte e seguir a partir do outro parágrafo):

- Se $0 = 0$, então $2-2 = 3-3$
- Mas se $2-2 = 3-3$, então $2 \cdot (1-1) = 3 \cdot (1-1)$
- Dividindo os dois lados pelo termo comum da equação $(1-1)$, chegamos à demonstração:
- Se $2 = 3$, então $1+1=3$.

Não se preocupe! Você não precisa jogar agora tudo o que aprendeu na escola na lata do lixo. É apenas um truque, como disse no início, e relativamente simples,

aliás: a divisão proposta na demonstração *não é possível*, já que $1-1 = 0$ e, como aprendemos (e ensinamos) lá nas primeiras séries escolares, há uma regrinha básica na matemática que determina *nunca dividir por zero*.

Ou melhor, *não deveria* ser possível. O fato é que a gente nunca se questiona por que essa regra, em específico, existe. A explicação de sua razão, no entanto, não é tão simples como a do truque anterior, mas é fundamental para entender aonde quero chegar com isso (afinal, não é um texto de matemática, mas sim de espiritualidade, e de espiritualidade passionista): é que a divisão por zero de qualquer número resulta num *valor infinito*. Não apenas um algarismo formado por alguns milhões, bilhões ou trilhões de números, mas de um *número infinito* de fato. Ou, usando uma expressão que para o nosso senso comum é um pouco difícil de digerir: **o zero é o inverso do infinito**.

Olhando a carta de São Paulo da Cruz e o título desse texto, você deve ter entendido melhor o porquê dessa breve incursão pelos números e suas

¹ Doutor em Filosofia pela PUCPR e aperfeiçoamento em Bioética pela Red Bioética UNESCO. Leigo Passionista.

excentricidades. Vamos refletir sobre um tema caro na mística paulocruciana, e ao mesmo tempo tão controverso para nós e nossa forma “ocidental” de ver o mundo: o **Tudo** e o **nada** (*Tutto* e *nulla*), ou a **nadificação de si na experiência interior em São Paulo da Cruz**.

A carta em questão constitui um enigma para os estudiosos do santo fundador. Ninguém sabe ao certo quem era sua destinatária; tampouco se sabe quando e onde foi escrita. A única informação que se pode inferir com certeza é que foi escrita para uma mulher, decerto uma de suas muitas dirigidas espirituais e alguém muito próxima a ele, já que este a chama de “*mia sorella in Gesù Crocifisso*”, “minha irmã em Jesus Crucificado”. Talvez, como nota Pe. Amedeo em seu comentário à carta, a destinatária fosse **Lucia Burlini**², dileta filha espiritual de Paulo e hoje proclamada venerável: corpo coberto de chagas; sofrimentos interiores e exteriores; altíssima vida espiritual... características todas que correspondem *ipsis litteris* ao perfil de Lucia. Trata-se, no entanto, apenas de uma ilação; a destinatária da carta ainda permanece incerta.

Mais incerto além é o período na qual se insere tal carta na cronologia do fundador. Pelo estilo da escrita, supõe-se que esta tenha sido escrita na última fase de sua vida, na qual a dimensão mística da relação entre o **Tudo** e o **Nada** se tornam fulcrais na contemplação do mistério da Paixão. Aqui, já não vemos mais o jovem eremita enamorado pela ideia da fundação dos “Pobres de Jesus”³, nem tampouco o pregador itinerante da “devoção ao Crucificado”... Trata-se de um homem espiritualmente amadurecido, quer pela sua própria experiência mística, acrisolada pelos anos de aridez espiritual vividos desde os tempos de fundação até o final de sua vida, quer pelos anos de leitura assídua e fiel da Palavra (testemunhada pelas inúmeras citações às Sagradas Escrituras em suas cartas) e do Crucificado, bem como dos mestres espirituais do Ocidente – em particular os reformadores do Carmelo,

Teresa de Ávila e João da Cruz, e os místicos da escola alemã, Johannes Tauler e Nicolau de Cusa (cujas obras eram os únicos objetos que permitia trazer consigo à cela, além do crucifixo). É o Paulo da **morte mística**, do **aniquilamento de si**, do **esvaziamento** total e incondicional da vontade e, por fim, da identificação máxima com o Cristo do Calvário, na transformação da própria vida numa **memória perpétua da Paixão**.

Para nós, sujeitos de uma outra época, é uma **paulocrucianidade** muitas vezes difícil de compreender ou mesmo de assimilar. A modernidade, esvaída de transcendência, procurou fundar suas bases morais na **reafirmação do sujeito e autoafirmação do eu**, lançando um olhar desconfiado a tudo aquilo que limita o indivíduo em sua busca por satisfação e sucesso. Este modo de olhar – secularizante, posto que secularizado – procura valorizar o sujeito de ação, o sujeito da práxis transformadora, mas à custa da depreciação de toda forma de cultivo do espírito, menosprezando assim o questionamento das razões o levam à ação, quando não no completo desinteresse por aquilo que o move. Dessa forma, torna-se mais fácil acostumar-nos com a figura do santo missionário – o grande pregador, percorrendo lonjuras para abrir seus retiros e propagar suas missões populares; o peregrino, que caminha do norte ao centro da Itália, geralmente a pé e em grande pobreza, para atender aos pobres camponeses e anunciar o Crucificado aos trabalhadores das vilas, lenhadores, pescadores, soldados e enfermos; o pastor, que dialoga com pequenos e com grandes, desde a humilde tecelã ao grão-duque da Toscana, de aristocratas a revolucionários... enfim, o homem da ação. *Embora* místico. Não importa se individual ou institucionalmente: para muitos de nós, este é o santo fundador que idealizamos.

O Paulo da Cruz real, no entanto – aquele que outrora fora designado como “o maior místico e maior

² Lucia Burlini (1710-1789) nasceu e viveu na comuna de Piansano, província de Viterbo. Conhece Paulo da Cruz em uma de suas muitas pregações na região, e logo passam a travar um profundo diálogo espiritual, mantido ao longo dos anos passados pelo fundador no retiro da Madonna do Cerro, na vizinha Tuscania, comunidade à qual se sentiu vinculada e a cujos religiosos procurou atender em suas necessidades materiais e espirituais. Desejosa de consagrar sua vida a Deus, teve várias visões e sonhos proféticos relacionados à fundação do primeiro grupo de Monjas Passionistas, às quais Paulo esperava associá-la. A Providência, no entanto, quis dispor para ela de modo diverso: atingida por chagas que lhe cobriram o corpo devido às tinturas que utilizava em seu ofício de tecelã, à umidade e à insalubridade de seu local de trabalho, não pôde viver seu ideal de consagração a Deus, tendo permanecido leiga e falecendo em sua cidade natal em fama de santidade. Paulo da Cruz a considerava verdadeira “mãe espiritual da congregação”. Cf. EUGENIO CP, Pierluigi Di. **Sotto la Croce appassionatamente**: la santità nella famiglia passionista. Teramo (IT): Editoriale Eco S. Gabriele, 1997.

³ Primeiro nome que quis dar à sua fundação; cf. **Diário Espiritual**, 27 nov. 1720.

[mestre] espiritual do século XVIII⁴ –, escapa de nossa compreensão. Dele, esperamos apenas uma figura rústica, silenciosa; um homem devocional; quase um quietista. Ou então, corre-se o risco de incorrer no erro oposto (aliás, muito presente em alguns círculos eclesiais atuais, os “cristãos de relicário”): buscar nas experiências místicas de Paulo apenas aquilo que é excepcional – bilocações, êxtases, visões –, como se estes fossem testificadores de sua santidade ou necessários para afirmar que ali há, de fato, um místico, uma figura extraordinária; *algo que o próprio Paulo da Cruz rejeitava como sinal de autêntica relação com Deus*.

Entramos, portanto, no reino das polaridades. De um lado, a negação da metafísica; do outro, a objetificação do espiritual. De um lado, a imanentização do transcendente; e em seu oposto, a recusa à aridez do deserto. Sinal de que ainda não alcançamos aquela salutar experiência dos Padres e Madres do Deserto que, destacando o acontecimento da Transfiguração de Jesus na montanha sagrada (cf. Lc 9, 28-36), preconizavam o equilíbrio na vida espiritual da Igreja: uma Igreja que sobe e contempla, mas que é capaz de descer da montanha e reconhecer a sua humanidade; uma Igreja profética, mas atenta às necessidades do povo; uma Igreja do Espírito, mas encarnada no seio do mundo (cf. Jo 17, 15). A própria Lucia Burlini – leiga, tecelã, deficiente, enferma, que uniu de modo pleno uma altíssima contemplação à ação social junto às famílias mais pobres de Piansano e Tuscania, sendo ela mesma pobre – serve-nos de exemplo de como a necessária transformação do mundo e de suas estruturas injustas não nos sonega a possibilidade de uma vida espiritual profunda.

Eu o(a) convido então, caro(a) leitor(a) deste texto, a reler novamente a carta, aproveitando-se agora das lacunas deixadas por Paulo a fim de se colocar no papel de seu destinatário(a). De fato, todos(as) nós somos estes seus irmãos e irmãs na Paixão, seus filhos espirituais; também todos(as) nós carregamos em nossos corpos inúmeras chagas – marcas de nossas aflições. Dores e angústias, tristezas e desesperanças, feridas do passado, preocupações com o presente ou o futuro, doenças e enfermidades, violências, violações

de direitos... tudo aquilo que marca a nossa condição humana é, ao mesmo tempo, aquilo que nos aproxima da Humanidade de Cristo na Cruz. De fato, só pode seguir um Deus Crucificado aquele que carrega em si mesmo as marcas de sua crucificação, completando com sua própria existência “aquilo que faltou à Paixão” (cf. Cl 1, 24).

Mas ao longo do caminho, muitas vezes a bagagem pesa, às vezes excessiva demais... É uma ilusão pensar que o despojamento ao qual o Cristo se refere em Mt 16, 24s não contempla igualmente as próprias sobrecargas com as quais nos fatigamos neste mundo de ansiedade e cansaço. Imaginamos que, para fazer um verdadeiro encontro com o Mestre, é preciso de tanta coisa! Mas, na verdade, este não é um *jogo de soma não-zero*: é necessário perder tudo, desfazer-se de tudo, para encontrar-se com o Tudo que é Deus, ***pois o Infinito não pode habitar naquilo que não está vazio***. É neste sentido que Tauler, o grande mestre espiritual de Paulo da Cruz, escrevia já no século XIV:

Quando o homem quer amar Deus, ele vê, olhando dentro de si mesmo, que está vazio de amor e de graça. Ele deveria amar a Deus a fundo e buscá-lo, e não encontra esse sentimento em si mesmo, mas muitas vezes sente que se ergue em sua alma, a seu respeito, um julgamento temível e ele grita desesperado; precipita-se então, no inferno ou num purgatório terrível, e tudo o que já lhe aconteceu de lamentável acorda nele. [...] Sob essa impressão, diremos: ‘Ó Deus de misericórdia, tende piedade de mim, livrai-me, socorrei-me, tratai-me dessa ou daquela maneira, ajudai-me a fim de que eu possa chegar ao céu, sem passar pelo purgatório’, como aconteceu a poucos santos. Sem dúvida, eis uma ótima prece, não a contradigo; mas quem tivesse a verdadeira caridade precipitar-se-ia em Deus com seu julgamento e com todas as suas faltas, mergulhando amorosamente na complacência e boa vontade de Deus, *despojando-se verdadeiramente de toda vontade pessoal*; pois o verdadeiro amor de Deus leva sempre o homem a *renunciar a si mesmo e a toda vontade própria*. [...]⁵.

O sermão de Tauler e a carta de Paulo da Cruz fazem eco à mesma realidade: é preciso esvaziar-se não apenas dos próprios desejos e fantasias, mas de tudo

⁴ VILLER sj, Marcel. **La volontà di Dio nella dottrina spirituale di S. Paolo della Croce**. Trad. Monache Passioniste di Loreto. Roma: Curia Generale Passionisti, 1983. p. 8.

⁵ TAULER, Johannes. **Sermões**. Trad. de Dora Ferreira da Silva. São Paulo: Paulus, 1998. p. 226-227.

aquilo que escraviza a pessoa e a impede e alcançar um encontro livre e sincero com o Deus Uno-Trino. Tudo o que acorrenta, subjuga, oprime, inclusive o peso e a recordação da culpa (aquilo que os mestres e diretores espirituais chamam de “escrúpulos”), pois tudo isso é *vontade*... e o espaço que a vontade própria ocupa, não pode ser ocupado pela Vontade Divina. Ou zero, ou infinito.

Em São Paulo da Cruz, assim, a *nadificação do eu* é decorrência não apenas da contemplação da *kênosis* de Cristo que se completa na Cruz, mas da própria consciência da Infinitude do Pai e que, diante d’Aquele que é Infinito, não há outra forma de apresentar-se a não ser na descalcez (cf. Ex 3, 5). A *aniquilação da alma* (do latim, *annihilare*, reduzir ao nada) em Deus não tem, portanto, relação alguma com a ideia de negação do indivíduo ou da subjetividade; ao contrário, trata-se justamente da *plenificação do sujeito*, que só é possível no encontro com o Amor Infinito – mas que requer de nossa parte, no entanto, o *esvaziamento livre e consciente de si mesmo*, como **abertura total** à ação do Espírito de Deus em nossas vidas.

É por isto que o *deserto interior* figura como espaço privilegiado do encontro entre a alma e o Ser. Enquanto lugar do *vazio* e do *nada*, o deserto interior é, ambígua e paradoxalmente, o último refúgio de interioridade no qual Deus pode se manifestar em sua Totalidade. **O deserto interior é o lugar de encontro com Deus.**

Mais do que isto, ele é a própria *morada de Deus*. A inabitação divina só é possível quando, encontrando refúgio no deserto interno de nosso ser, unimos nossas próprias chagas às chagas do Cristo e as nossas próprias dores às dores de sua Paixão. Na contemplação *solitária* e *solidária* do Crucificado, o deserto interior une nosso coração ao Coração de Cristo, onde Ele nos espera para repousar.

Vinde a mim todos os que estais cansados sob o peso do vosso fardo e eu vos darei descanso. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para vossas almas, pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve (Mt 11, 28-30).

Para nossa reflexão:

O caminho de espiritualidade passionista é um processo de continua (re) descoberta de nossa própria identidade enquanto filhos e filhas espirituais de São Paulo da Cruz. A dinâmica paulocruciana do **Tudo** e do **Nada**, dessa forma recolocada, permite-nos compreender a nossa própria relação com Deus no tempo concreto e na realidade histórica em que vivemos.

1. Na sociedade globalizada e da informação, dou primazia ao Reino de Deus e a seu projeto concreto em minha vida e vivência comunitária?
2. Na sociedade do cansaço, marcada pelo excesso de exigências e pela demanda contínua por sucesso e realização, encontro tempo para Deus? Permito que Deus se manifeste no *Kayrós*, ou espero que as coisas aconteçam no meu próprio tempo?
3. Na sociedade do consumo e do conforto material, sou capaz de esvaziar-me do que me impede de encontrar o Tudo que é Deus?

CALENDÁRIO DE ESPIRITUALIDADE PASSIONISTA – SETEMBRO DE 2021

14 - Exaltação da Santa Cruz e Recordação do Venerável Irmão Lorenzo Marcelli, CP

15 - Nossa Senhora das Dores

17 - Serva de Deus Madre Marthe Vanderputte (Fundadora das Missionárias da Santa Cruz, unidas às Irmãs Passionistas de São Paulo da Cruz em 1968.

24 - S. Vicente Maria Strambi.

29 - São Miguel Arcanjo patrono da Congregação

EXPEDIENTE: Equipe de Espiritualidade da FPB – Ir. Jaqueline B. de Oliveira, CP (Prov. São Gabriel); Ir. Maria Irene da Silva, CP (Prov. Rainha da Paz); Ir. Rosana Bertachi, CP (Prov. Imaculado Coração); Pe. Gilberto de S.M. Arcanjo, CP (Prov. Exaltação da Santa Cruz); Pe. Fernando da Silva Oliveira, CP (Província Getsêmani).